

INTRODUÇÃO

*Ao aceitar o convite do conselho de redacção da **Revista Crítica de Ciências Sociais** para organizar um número temático sobre literatura em sociedade, o grupo de anglo-americanística da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra lançou a si próprio o desafio de levar a uma realização concreta o projecto de produção científica colectiva que há algum tempo vinha norteando a sua prática académica departamental.*

Contando desde o início com a colaboração de António Sousa Ribeiro, do grupo de germanística da mesma Faculdade, os anglo-americanistas de Coimbra propuseram-se conceber e organizar um número capaz de reflectir alguns dos problemas que mais os têm preocupado no exercício diário da investigação e da docência de literatura(s) e de cultura(s): a questão fulcral da possibilidade e da desirabilidade do trabalho colectivo e sua definição; a noção de cultura como um fenómeno de constante criação colectiva, e não como um mausoléu de luxo a adquirir de formas fixas, imutáveis, falsamente duradoiras; a concepção de literatura como uma forma de expressão social e a necessidade de a interrogar para além dos limites do seu próprio silêncio; a problemática das literaturas «marginais»; a relação entre a teoria literária, a investigação e o ensino da literatura; as culturas «centrais» e o problema da dependência cultural ou a questão dos figurinos teóricos e metodológicos internacionais para a pesquisa entre nós; a necessidade e os limites do diálogo com especialistas estrangeiros e a sua divulgação em Portugal; a definição do conhecimento, do ensino e da aprendizagem pelo modo interrogativo e a relação entre o saber e o prazer, entre a cultura e a arte de viver.

De uma forma ou de outra estas questões estiveram presentes ao longo dos meses que durou a preparação deste número, quer a nível individual, quer sobretudo a nível colectivo, quando as primeiras versões dos artigos de cada um foram lidas e discutidas por todos e aprovada depois a versão definitiva nesse processo enriquecedor de comum apropriação do conhecimento. Literatura em sociedade é a pri-

meira concretização do trabalho científico de um grupo que vê na sua própria estrutura colectiva e dialogante o paradigma mesmo de um saber fundamental articulado com a realidade, por ser impossível imaginá-lo desligado do processo da sua génese.

Parte da problemática aqui brevemente referida surge esquematizada de forma polémica nas onze teses sobre literatura, que abrem este número logo seguidas de dois textos apresentados em tradução pela primeira vez em Portugal. Heiner Müller usa a linguagem bela da poesia e do fascínio. Fredric Jameson, a linguagem exigente da análise filosófica e sociológica, mas tanto o poeta/dramaturgo como o crítico falam das mesmas coisas: a força utópica da arte e a ameaça desrealizante da cultura de massas, e a necessidade imperiosa de procurar, criando, novos espaços utópicos. Para Jameson também, a arte é a complexa visão do futuro imaginável na re-criação que Müller oferece dos mitos de Orfeu e de Dédalo, um futuro a exigir tanto o sacrifício altivo do poeta órfico que, ao rejeitar a mortalidade, se deixa imolar na sua solidão para além de si próprio — seu sangue ensoando a terra arada para que a sua cabeça se transforme no sublime oráculo de Lesbos; como o trabalho paciente, minucioso e árduo do arquitecto engenhoso, para quem a salvação é construir, do medo e da matéria mais vil, a esperança do novo — Dédalo escapando do labirinto por ele próprio criado para proteger os cretenses do Minotauro.

Os restantes autores, mais Dédalos que Orfeus, fazem da sua escrita um dos espaços possíveis da pergunta essencial pelo «absoluto risco de existir» de que fala Ramos Rosa — seja na análise rigorosa das determinações materiais da ideologia da vontade em clássicos do fantástico como Poe e Balzac (Christopher Rollason); seja na interrogação genérica pela forma e pelo simbólico num romance policial de Wilkie Collins (Martin A. Kayman) ou na ficção científica de Capek (José Manuel Mota); seja na re-problematização da escrita das mulheres (Graça Abranches) ou dos negros americanos (Isabel Caldeira), «minorias» tantas vezes enredadas nas teias de uma linguagem criada sem o seu contributo; seja na investigação atenta da arte mercadorizada e consumida indiscriminadamente na forma ambígua da telenovela (João Paulo Moreira); seja na análise de contos populares portugueses para compreensão dos mitos que povoam a nossa experiência cultural (Tito Cardoso e Cunha); seja na proposta de uma educação fundada na auto-reflexão, a transcender os limites estreitos e facilmente distorcidos da mera alfabetização (M. Irene Ramalho de Sousa Santos).

A carta de Jorge de Sena aqui incluída sintetiza o cerne mesmo das nossas preocupações mais sérias: a precária relação entre o «centro» e a «margem», ou o prazer e os riscos de estudar português no estrangeiro ou anglo-americanística em Portugal.